

## **Subjetividade em Ação: O encontro entre “O saber que tem força das fontes” e “A Dança Pessoal e o Butô”.**

*Erika Cunha*

Instituto de Artes – UNICAMP

PALAVRAS CHAVE: Butô, Matrizes e Dança Pessoal

Em busca de um “olhar de fora” para seu projeto de mestrado “O saber que tem força das fontes<sup>1</sup>”, a atriz e pesquisadora Brisa Vieira<sup>2</sup> convidou-me para integrar o grupo de pesquisa de seu mestrado. A primeira experiência conjunta deu origem ao espetáculo “*Isabelita*”<sup>3</sup> (o espetáculo não é o objeto de pesquisa desse projeto, mas o primeiro resultado dessa parceria). No princípio, parecia que esse trabalho conflitava com meu projeto de mestrado “A Dança Pessoal e o Butô”. Mas os dois projetos se complementam, o trabalho técnico em sala de ensaio, aliado ao trabalho imagético que propõe o butô, leva-nos a busca de uma linguagem comum, que une os dois caminhos. Em síntese, esse projeto consiste no processo de criação de matrizes<sup>4</sup> corporais e vocais a partir de corporeidades observadas na pesquisa de campo em comunidades da região do Recôncavo da Bahia, sendo o meu papel no grupo o de diretora.

Utilizo, com os atores em sala-de-ensaio, um termo que chamo de “**Subjetivação**”<sup>5</sup>. Muitas vezes peço à eles que trabalhem além da imagem, além da ação ou do gesto, que preencha a figura de subjetivação. O que vem a ser subjetivação? Buscando explicar o termo utilizarei como exemplo a foto de uma ação esportiva: o arremesso de disco, se tirarmos uma foto de um esportista no instante em que o disco sai de sua mão podemos imaginar o ponto inicial desse movimento (antes do lançamento, a preparação do esportista) e talvez o resultado da ação, apenas pelo estudo dos vetores que aquele corpo propõe no espaço, porém não temos certeza absoluta de como o esportista agiu e nem do resultado, mas podemos pela imagem imaginar o princípio e o fim. Assim como através das histórias colhidas durante a pesquisa de campo. A única certeza é da pessoa hoje: o (a) senhor (a) que conversa com você, porém pelas histórias contadas posso imaginar o local por onde ele (a) andava, como se vestia, a claridade que havia, já que muitos nos dizem que não havia energia elétrica, somente a luz do luar (isso já me traz uma tonalidade azul/escuro).

Portanto, subjetivação seria “a ação que está além do sujeito, além daquilo que se pode ver”. Quando trabalhamos com imagens ou com fotos (registros visuais) nos deparamos com a imagem estática de um ser (trabalhamos sempre com registros de pessoas ou animais, seres vivos que se movimentam), porém a foto em si é um objeto, é trabalho do ator descobrir o que está além da imagem: as vivências/experiências que aquele ser teve para tornar-se quem é. A arte-em-vida somente pode existir se nos mantivermos acordados para os acontecimentos presentes, é

preciso vivenciar essa atualização e aprender a olhar ao redor com novos olhos.

Começa nesse instante o momento da liberdade do trabalho em sala-de-ensaio, quando o ator pode usar de sua imaginação (imaginar a ação), através de uma lógica de movimento já proposta pela figura que se estuda. É importante, deixar claro aos atores, que subjetivação não se trata de psicologia da personagem e sim de movimentação, de experimentação com o corpo dentro de suas limitações, muitas vezes propostas pela imagem estudada. A ação torna-se a atualização de uma relação com a foto ou com a memória do outro, atualizado, revisitado, porém sem perder a sua identidade: um idoso do Recôncavo Bahiano talvez nunca tenha vivido experiências como um idoso paulistano, e vice versa.

A sala de trabalho deve ser um território de experimentações, de vivências. Um dos caminhos possíveis para essa experimentação é o desconforto (caminho escolhido para essa pesquisa, porém, não é o único) que nos leva aos novos acontecimentos, que nos permite abrir os póros para a percepção de novos fatos. É preciso ser MA<sup>6</sup> para dançar, nesse caso entre o real e o imaginário, como propõe Tadashi Endo<sup>7</sup> em sua metodologia de trabalho.

É aqui que esse processo se aproxima do meu mestrado: o corpo que dança butô dança a subjetivação, dança aquilo que não se vê. Segundo Mitsuru Sasaki<sup>8</sup>, durante o seu workshop<sup>9</sup>: “Infinito é olhar a própria nuca. Dar a volta ao mundo e se enxergar”.

Foi com o bailarino de butô Mitsuru Sasaki, que aconteceu o meu primeiro encontro com o butô e que deslumbrei pela primeira vez o que poderia ser a dança para mim, foi uma passagem relâmpago, mas que deixou um raio de inquietação. Acostumada a códigos rígidos de dança, (inatingíveis para o meu corpo tão cheio de curvas), durante o aquecimento, a primeira imagem que nos foi colocado era de que cada articulação de nosso corpo possui inúmeros movimentos infinitos, diversos “oitos” dançam dentro do corpo de um homem. O infinito dentro de si mesmo. A segunda imagem era: Seu corpo é um aquário cheio de água, pesado, que não se move, rígido, cheio. Após algum tempo parados, com tónus alto, ouvimos um novo comando de Mitsuru: “Enfim, ‘jogam’ em você um peixinho, pequeno, delicado, jovem, que livremente dança dentro de você e move seu corpo. Você não deseja mover-se, mas esse peixe surge e tira você do espaço”. Nesse instante, era como se eu pudesse ouvir meus micro-impulsos pulsando dentro de meu corpo. Primeiro muito pequeno, como uma força que me impulsionava para o movimento, vibrava dentro do meu ventre, como um exercício abdominal em movimento. Depois do centro do meu corpo, carregando a imagem de infinitos no corpo e desse “peixe-impulso” meu corpo livremente dançou pela primeira vez, uma dança nova que não tinha nome, mas que me guiava pelo espaço daquela sala de chão branco tão gelado.

Meus pés aos poucos deixaram de sentir frio e eu como criança “brincava” com meu peixe curioso que ia até a margem da minha mão olhar o mundo de outro ângulo, às vezes ele nadava veloz até meu sacro pra depois retornar e contar aos meus ouvidos o que via atrás de mim.

Durante essa dança, Mitsuru colocou a “Sagração da Primavera<sup>10</sup>” para dançarmos. O tempo se tornou relativo, pois não posso descrever exatamente quanto tempo durou esse momento. Após o trabalho, ele se aproximou de mim, tocou meu ombro “Você está dançando”.

Essa imagem guia o meu trabalho até hoje. Somos infinitos sobre infinitos buscando dançar aquilo que não se descreve, e exatamente por não ter palavras para dizer/descrever as sensações, você dança, preenche-se de subjetivação, olha a própria nuca e se guia cegamente nessa experimentação que é corpo. E não importa de onde sai essa imagem: se de uma foto ou de uma imagem dada por quem guia o treinamento, o importante é colocar-se a disposição para experimentar, é estar pronto para pesquisar, friccionar o corpo, aquecer.

Assim deve ser o ator/bailarino, colocar-se em experimentação, deslocar seu eixo, mover o corpo com precisão e rapidez, despir-se, descontrolar-se, ser outro, para no final olhar a si mesmo. Encantar-se consigo mesmo em novas possibilidades e novos deslizes, num corpo-subjêtil<sup>11</sup>.

### **Bibliografia de Base**

FERRACINI, RENATO. **Café com queijo: corpos em criação**. São Paulo: Hucitec, 2006

\_\_\_\_\_. **Preparação do atador: limite, virtual, memória e vivência**. Artigo para a ABRACE 2007.

JANUZELLI, ANTONIO. **A aprendizagem do ator**. São Paulo: Editora Ática, 1992

OHNO, YOSHITO. **Kazuo Ohno's world**. Tóquio: Editora WesleyanUniversity Press, tradução de John Barret. 1997

### **Sites consultados**

[www.butoh-ma.de](http://www.butoh-ma.de) – Site oficial de Tadashi Endo. Último acesso em 05/08/2008.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Subjetividade> - Wikipédia, a enciclopédia livre - último acesso em 05/08/2008.

<sup>1</sup> Projeto de mestrado em andamento no Instituto de Artes da UNICAMP, com orientação do Prof. Dr. Renato Ferracini e pesquisa de Brisa Vieira. Essa pesquisa investiga a relação entre as matrizes corporais e vocais criadas através da utilização do método da mimese corpórea e pela pesquisa de campo realizada em Santiago do Iguape (BA) em Junho de 2006, com diferentes objetos cênicos. Esses objetos podem ser naturais, como, por exemplo, areia, terra, pedra, ou objetos construídos pelo homem, como baldes, bacias, tecido, bastão, e serão manipulados pelo ator dentro das suas matrizes miméticas. O foco de investigação dessa relação, entre matrizes e objetos cênicos, é pesquisar objetivamente em sala de trabalho como enriquecer o repertório de ações físicas através do contato do corpo do ator com os objetos. Esta proposta de pesquisa visa contribuir para a ampliação da expressividade da mimese corpórea para que futuramente possa servir de treinamento para o processo de criação de outros atores e grupos teatrais.

<sup>2</sup> Atriz e pesquisadora do Espaço Cultural Semente e da Cia Berro d'água de Campinas/SP. Mestranda em Artes no Instituto de Artes da UNICAMP, com orientação do Prof. Dr. Renato Ferracini

<sup>3</sup> Espetáculo realizado no Espaço Cultural Semente a partir do material coletado em campo, nesse caso no Recôncavo Bahiano. O processo de trabalho em sala-de-ensaio possibilitou o encontro dessas duas técnicas descritas no artigo, teve sua estréia em Dezembro/2007.

<sup>4</sup> “Para tanto devemos sempre partir do pressuposto que a célula-mater expressiva do ator é a ação física orgânica (denominada no Lume como matriz)”. Ferracini, 2001, pág 191.

<sup>5</sup> Subjetivação é a subjetividade em ação. **Subjetividade.** Origem: Wikipédia. Subjetividade é entendida como o espaço íntimo do [indivíduo](#) (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. A [psicologia social](#) utiliza freqüentemente esse conceito de subjetividade e seus derivados como formação da subjetividade ou subjetivação. A subjetividade é o mundo interno de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Através da nossa subjetividade construímos um espaço relacional, ou seja, nos relacionamos com o "outro". Síntese singular que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural.

<sup>6</sup> Segundo Tadashi Endo: MA no ZEN-Budismo significa "vazio" e "espaço entre as coisas". Butoh MA e tornar visível o invisível. O mínimo de movimento para o máximo de expressão/intensidade. MA é “estar entre”.

<sup>7</sup> Tadashi Endo é bailarino de Butoh e diretor do Instituto de Butoh MAMU, em Goettingen/Alemanha, dirigiu os espetáculos do LUME TEATRO: Shi-zen, 7 cuias e Sopro. Tadashi Endo foi aluno do grande dançarino de Butoh Kazuo Ohno, mas ao longo dos seus quase 60 anos de vida (Endo se tornou sexagenário em 2007), definiu seu caminho na dança no que ele chama de Butoh-MA. – site referência [www.butoh-ma.de](http://www.butoh-ma.de)

<sup>8</sup> Bailarino de Butoh, nasceu em Aomori, interior do Japão. Após estudos de balé e mímica com Midori Takato e Hironobu Oikawa, e de butô com Kazuo Ohno e Tatsumi Hijikata, chegou à Europa em 1979, primeiro na França e mais tarde em Essen, Alemanha, convidado pelo Prof. Hans Zúlig, para participar do Folkwang Tanzstudio como dançarino e coreógrafo em sucessão a Kurt Jooss, Pina Bausch e Susanne Linke. Criou inúmeras peças de dança que foram apresentadas na Europa bem como na América Latina, Hong Kong, Índia, Egito e Japão. No Brasil, já apresentou o solo Human Power Flight no SESC Ipiranga e em Salvador em 1995. Em 2003 voltou ao Brasil para a Mostra Vestígios de Butoh do SESC Consolação.

<sup>9</sup> Mostra Vestígios do Butô, que ocorreu de 2 a 12 de setembro de 2003 no SESC Consolação e Teatro SESC Anchieta em São Paulo/SP. Workshop vivência com MITSURU SASAKI. A Experiência com a obra "Le Sacre du Printemps" dia: 3 de setembro. Maiores informações no site: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/subindex.cfm?paramend=1&IDCategoria=2465#h>

<sup>10</sup> Sagração da Primavera de Igor Stravinsky (1882-1971), talvez a obra mais importante desse compositor, que estreou em 28 de maio de 1913. Mitsuru Sasaki criou um espetáculo solo com essa obra e utilizou-a durante o workshop.

<sup>11</sup> Palavra inventada por Artaud (Marselha, 4 de setembro de 1896 - Paris em 4 de março de 1948), aquilo que está no espaço entre o sujeito, o subjetivo e o objeto, o objetivo, é ser um louco delirante de paradoxos entre o outro e si mesmo.